

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

UM FRISO DE VIMARANENSES ILUSTRES. OS NAVARROS DE ANDRADE.

MARTINS, Francisco

Ano: 1936 | Número: 46

Como citar este documento:

MARTINS, Francisco, Um friso de vimaranenses ilustres. Os Navarros de Andrade. *Revista de Guimarães*, 46 (1-2) Jan.-Jun. 1936, p. 34-72.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Um friso de vimaranenses ilustres

A fuga acelerada dos séculos, na alucinada trajectória da sua marcha, leva em fúria avassaladora e destemida selectas Figuras vinculadas à urbe vimaranense, Figuras luminosamente inscritas nos altos quadros da nossa nobreza mental; umas mais próximas que, dia a dia, assaltam o nosso pensamento e surgem aos nossos lábios; outras, mais longínquas, mais afastadas de nós, que hoje mal se distinguem, esbatidas pela penumbra do esquecimento.

Mas o passado tem uma alma que se não perde no mais agitado desdobrar dos acontecimentos e no fragor dos mais imprevistos e rudes sucessos, e uma vida que ainda além da morte se escuta a sua vibração que investigadores pacientes auscultam, sentem e identificam, ressurreição de vida local, nesses papéis velhos dos nossos arquivos — grande feira de séculos, multidão de antepassados — património sagrado de tempos idos, cheio de lições frutuosas de civismo e amor pátrio, legendas gloriosas da nossa História — fonte viva de ensinamentos e exortações, de experiência e de modelos — sempre banhada de clarões de heroísmo e sacrifício, ligados aos rasgos de maior audácia, aos feitos mais insignes, ao saber mais elevado.

E assim Varões Ilustres que andavam perdidos na aglomeração confusa dos longes, passam de novo a ter interêsse e tamanho próprio no nosso espírito que a perspectiva do tempo ao contrário da distância nos engrandece e exalça.

Nessas rondas de recenseamento individual por êsses tombos de caracteres hieroglíficos — obituário de veneração, pequenos sarcófagos que recolhem as cousas do passado em herança secular — em desvenda e rebusca de achados preciosíssimos para a reconsti-

tuição da nobiliarquia intelectual dos Nossos Maiores, modelados na mais perfeita argila vimaranense, almas do nosso lar, dessas fôlhas encrespadas e trigueiras pelo rodar dos anos, ressurgiu um refulgente friso de notáveis e estranhos vultos, um radioso núcleo, que na sua época ilustraram e iluminaram o seu cantinho natal pelo seu labor fecundo, varões assinalados na Ciência, nas Letras, nas Armas e na Diplomacia — **Os Navarros de Andrade** ⁽¹⁾.

Estas modestas e breves anotações são umas mealhas, um pequeníssimo pecúlio, para juntar ao que se tem escrito sôbre essa ilustre dinastia de grandes homens, e a sua publicação destinada a vulgarizar, dar conhecimento às gerações de hoje, suas conterrâneas, dos nomes de tão prestigiosas personalidades, que mergulham as suas raízes em remotas eras e se distinguiram, legitimamente, pelo seu raro merecimento e pelo seu fastígio social.

«Aí pelo século XVI, na freguesia de S.^{ta} Senhorinha de Tões, próximo a Armamar e a pequena distância de Lamego, vivia uma modesta família: Domingos Vaz e mulher Isabel Dias, e quatro filhos — Maria Dias, Antónia Dias, Joana Dias e António Dias de Tões.

António Dias de Tões um dia resolveu ir exercer a sua actividade na Baía. Foi feliz. Adquiriu consideráveis meios de fortuna, em bens e dinheiro, auxiliando generosamente as suas irmãs, falecendo em 1650. Testou vários legados e sua alma por herdeira, repartindo assim os seus numerosos haveres pelas casas de caridade do Brasil. Instituiu um vínculo, para o que apartou da sua fazenda quatro mil cruzados para converter em bens de raiz na sua terra.

Um dos seus primeiros administradores veio para Guimarães e aqui se estabeleceu, casando com uma senhora, filha natural reconhecida do Senhor da Casa

⁽¹⁾ Família numerosa. Vid. «Subsidios para a genealogia da família Campos» — Eugénio de Andrade da Cunha e Freitas e José Campos e Sousa; «Resenha de famílias titulares» — Sanchez de Baena e Silva Pinto; «Guimarães» — Padre Caldas.

de Pousada ⁽¹⁾, situada na freguesia de S. Pedro de Azurei, subúrbios desta cidade.

Essa senhora estava recolhida, como secular, no convento de Santa Clara» ⁽²⁾.

Este convento era o predilecto e preferido pelas senhoras dum certa roda e passavam por ser as mais lindas freirinhas do Minho e... pelos mais hábeis galanteadores e... lambareiros.

...«Eram apreciadas as festas que elas realizavam no convento, as quais deram lugar a muitas queixas, tendo necessidade de intervir os prelados para pôrem côbro a essas festanças.

...Em 1758, Sua Alteza D. José de Bragança, então Arcebispo de Braga, decretou que sendo do seu conhecimento... e outrossim costumam não sem vilipêndio do seu estado fazer várias danças e entremezes profanos de que tem resultado uma grande relaxação da modéstia regular, confia o mesmo Senhor que com a mais fraternal admoestação se sepulsem estes abusos sem que por ora se faça precisa outra admoestação mais rigorosa; ordenamos a R.^a Abadessa que convocada a comunidade... menos lhe consinta fazerem bailes e entremezes e música com letra profana... onde se originavam dissensões, pendências e emulações» ⁽³⁾.

Essa senhora casou, pois, com êsse administrador do vínculo, de que o manuscrito não menciona o nome. Do matrimónio nasceu Angélica Navarro, que casou com Luís do Monte Gamboa, de Lisboa. Dêste enlace houve dois filhos varões: *Henrique Gabriel da Silva Navarro* e *Sebastião Navarro de Andrade* ⁽⁴⁾,

⁽¹⁾ Pertence actualmente à Ex.^{ma} Sr.^a D. Rita de Moura Machado.

⁽²⁾ Apontamentos extraídos dum manuscrito pertencente à família, residente nesta cidade.

⁽³⁾ «O Labor da Grei» — Francisco Martins.

⁽⁴⁾ «Desistência e demissão da Capela que fêz Angélica Navarro da Silva em seu filho:

Em nome de Deus, amém. Saibam quantos êste público instrumento de demissão e desistência ou doação de administração de capela com o encargo ao adiante declarado obrigação a seu cumprimento e firmeza e como melhor em direito haja lugar e mais firme e valioso seja virem que no ano de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e quarenta anos ao pri-

ascendentes do refulgente friso de vimaranenses —
Os Navarros de Andrade (1).

Evocar grandes Figuras, em qualquer campo de sobreactividade em que hajam sido excelsas, não é apenas um acto de gratidão, de homenagem e justiça; é também serviço de amor pátrio. Vamos alinhá-los; pena é que não possamos dar-lhes o brilho que merecem.

Henrique Gabriel da Silva Navarro, Cavaleiro professo da Ordem de Cristo, Bacharel formado em Direito (Leis) pela Universidade de Coimbra, advogado nos auditórios desta comarca, nasceu em 5 de Julho de 1709. Teve um filho varão, *Luis António*

(1) Neste artigo apenas nos referimos aos vimaranenses ilustres.

meio dia do mês de Janeiro do dito ano nesta vila de Guimarães na rua das Lagens do Toural rossio dela casas da morada de Luis do Monte ora assistente na cidade de Lisboa, aonde eu tabelião publico me fui vindo estando aí partes presentes outorgantes e aceitantes convém a saber de uma parte estava sua mulher Angélica Navarra da Silva em seu nome próprio e como procuradora bastante para o presente acto do dito seu marido Luis do Monte, como assim o mostrou ser por um instrumento de procuração bastante que logo apresentou a mim tabelião que mostrava ser subscrito e assinado em público e raso por José António de Barbuda Lôbo, tabelião da cidade de Lisboa e estipulado em sua nota aos vinte e dois dias do mês de Maio do ano mil setecentos e trinta e nove anos e outorgada pelo dito Luis do Monte e constava dar poder com livre e geral administração constituindo-a para o dito efeito sua procuradora a dita sua mulher e dar-lhe consentimento necessário para que pudesse fazer logo desistência e demissão a favor de seu filho mais velho *Henrique Gabriel da Silva* da Capela que administrava instituída por António Dias falecido na Baía em a qual o mesmo seu filho havia succeder por morte da dita sua mãe, mas logo em sua vida lhe poderia largar a administração dela para êle haver e cobrar os seus rendimentos com a obrigação porém de sustentar em Coimbra o seu irmão *Sebastião Navarro de Andrade* de tudo que lhe fôsse necessário ou preciso de cuja demissão ou doação poderia celebrar escritura pública com tôdas as cláusulas necessárias.

Segundo assim mais largamente se mostrava e continha do

Navarro de Andrade, o qual se casou na parochial de S. Sebastião, em 1780, com sua prima.

Morava na rua Nova das Oliveiras (1), onde possuía duas moradas de casas com os respectivos quintais: uma, que habitava, herdou-a dos pais; outra, por compra na constância do matrimónio, em que vivia D. Martinho, pintor, próximo parente de D. Jerónimo, músico distinto. Tornou-se muito conhecido (ainda hoje é lembrado) por vários episódios bélicos entre a sua banda de música e a de Lucínio Fernandes da Trindade. Mais tarde o distinto *virtuose* João António Vaz Vieira da Silva Melo Alvim e Nápoles, Fidalgo do Tournal, *militariçou-a*, ficando regente da Banda D. Jerónimo e director da Orquestra o Fidalgo.

(1) A rua de Camões antigamente compunha-se de duas ruas: do lado Norte da Travessa de S. Sebastião ou Trás-os-Oleiros — Lagens do Tournal; e do lado Sul — Rua Nova das Oliveiras.

dito instrumento de procuração que tornei a entregar a ela sobredita de que assinou ao diante a que me reporto e doutra parte estava o dito seu filho licenceado *Henrique Gabriel da Silva*, advogado nos auditórios desta Vila com a dita sua mãe, moradores ambos êles, partes pessoas por mim tabelião reconhecidos. E logo na presença de mim tabelião público e as testemunhas ao diante nomeadas e assinadas, por ela dita Angélica Navarra da Silva foi dito em seu nome próprio e como procuradora do dito seu marido, e pelo consentimento que por êle lhe era dado por êste público instrumento e pela melhor via que em direito haja lugar desde logo e como falecida fôsse da vida presente que por tal se reputava para a validade desta escritura a favor do dito seu filho o dito licenceado *Henrique Gabriel da Silva* desistia e fazia desistência e demissão ou doação pura e irrevogável entre vivos valedoura remuneratória atendendo aos muitos serviços que dêle tinha recebido da sua Capela que administrava instituída por António Dias que faleceu na Baía que por seu falecimento lhe vinha a suceder e desde logo nêle dito seu filho cedia trespassava e transferia todo o seu direito, posse, acção, razão, útil domínio e senhorio presente e futuro lograr, gozar e possuir, cobrar, administrar e arrecadar rendimentos, tudo na mesma forma que a ela o havia de fazer, se esta sua desistência demissão ou doação não fizera, ou melhor se ainda muito melhor êle o pudera ver, achar, alcançar e repetir por qualquer via, modo ou título que seja e de tudo poderá tomar a posse por si mesmo ou por autoridade de justiça, logo ou tôdas as vezes que queira sem mais

E' uma Figura digna de ser estudada (1). Essas casas foram demolidas e construído um soberbo edificio (2) por Jerónimo Vaz Vieira de Melo Alvim e Nápoles (3).

Luis António Navarro de Andrade. Tinha cinco filhos. Geração de heróis. Possuíam, como divisa de honra, o valor, a lealdade e a intrepidez das Armas Portuguesas. Neles girava o sangue estuante de bravura de antanho. «Tressua a pedra dos seus muros

(1) Compositor apreciado, dedicou aos seus patrícios e à Câmara Municipal o *Hino de Guimarães*, com versos de José de Freitas Costa (1896), que muito agradou. (Desapareceu da Soc. M. Sarmento).

(2) Hoje propriedade do Sr. Manuel Mendes de Oliveira.

(3) Nasceu em Guimarães em 24 de Janeiro de 1827 e faleceu em 15 de Junho de 1882, e jaz no Cemitério Municipal. Foi casado com D. Maria Adelaide Navarro de Andrade. Era o mais novo dos filhos legitimados de Jerónimo Vaz Vieira de Melo e Alvim, senhor da Casa do Toural.

necessário ser ela mais citada requerida nem chamada, e quer ela a tome, quer não, desde logo lhe havia por dado, cedido, trespassado e transferido tôda aquela posse que a presente tem ou adiante possa vir a ter e alcançar actual, real, civil e corporal, e com efeito enquanto em outra forma mais judicialmente a não tomar se constituía na sua posse a favor dêle dito seu filho por sua simples inquilina colona pela cláusula *de constituto*, a qual desistência, demissão ou doação lhe fazia atendendo à sua muita idade e moléstias que lhe assistem e lhe dão com a bastante para não poder assistir a administração da dita sua Capela bens e fábrica dela e com mais condição e encargo e doutra sorte não, que êle dito seu filho *Henrique Gabriel Navarro* será obrigado como obrigado fica por esta escritura e por encargo dela a assistir com todo o gasto preciso a seu irmão *Sebastião Navarro de Andrade*, nos estudos em Coimbra conforme sua pessoa e qualidade até se formar no decurso de seis anos que principiaram no outubro passado de mil setecentos e trinta nove anos, a qual dita sua Capela estava sita na Igreja de Tôes, do concelho de Amarante, da comarca de Lamego, e assim o cumprir e guardar esta escritura e sempre a fazer boa e de *pax* certa e segura, firme e valiosa e contra ela não ir obrigava sua pessoa e a pessoa do mesmo seu marido e todos os seus bens assim móveis como de raíz presentes e futuros e terços de suas almas, direitos e acções; de tudo que assim disse aceitava o dito licenciado *Henrique Gabriel da Silva* com o encargo com que lhe era feita e assim pela sua parte tudo cumprir e guardar obrigava sua pessoa de bens

o sangue forte dos gloriosos fundadores da nacionalidade. E nem uma só hora, uma só, viveu a inquietação da alma da Pátria em que ela não estivesse identificada com toda a sua alma. Era terrível e vitoriosa a sua espada, porque ela mesma lhe forjara a tèmpera. Foi S. Mamede e verteu, regou com seu sangue Aljubarrota, Ceuta e India.» Não temeu o Império dos Filipes e defrontou-se com Napoleão em Navarros de Andrade, e na Guerra Peninsular, em fé viva pela Pátria — corações esmaltados de crepitante abnegação e civismo. Recordá-los é lembrar ao nosso espírito as nossas qualidades rácicas. A propósito publicamos dois interessantes documentos de devoção patriótica (1):

«Em dois de Agôsto de 1808, na Rua Nova das Oliveiras, morada de Luís António Navarro e sua

(1) Época da Guerra Peninsular. Extraídos dos livros notariaes do Arquivo Municipal.

móveis e de raiz, presentes e futuros e teres de sua alma e os mesmos rendimentos da sua Capela e assim o disseram, quiseram, outorgaram e aceitaram e nesta nota mandaram ser feito o presente instrumento donde pediram, concederam e outorgaram o necessário instrumento que dêste teor cumpriram que eu tabelião como pessoa pública estipulante e aceitante tudo estipulei e aceitei em nome de quem mais a aceitação toque e tocar possa, que tudo foram testemunhas presentes Francisco Fernandes Tinoco e Amaro Gonçalves, espadeiro e António Vieira sombreireiro todos desta dita rua e por ela sobredita por causa de seus achaques não poder escrever rogou a testemunha Francisco Fernandes Tinoco que por ela assinasse o qual a seu rogo assinou e todos nesta nota assinaram ao depois de êste instrumento lhe ser lido e eu José da Costa tabelião público o escrevi. — (a) Joseph da Costa, a rogo dela e como testemunha Francisco Fernandes Tinoco, Henrique Gabriel da Silva, Amaro Gonçalves, António Vieira.»

(Nota do tabelião João Dias Vieira — Arquivo Municipal).

Vai em nova ortografia por não haver caracteres iguais aos da escritura.

*

Os bens de Vargas, na Ponte de Santa Luzia, pertenciam a D. Angélica Navarro de Andrade, que os legou a seu sobrinho Henrique Navarro de Andrade.



Luis António Navarro de Andrade.

Assinatura ilegível.

Pertence a D. Maria Isabel Navarro Vaz Nápoles.

mulher D. Luísa Rita, disseram que seus filhos, o Dr. Henrique Navarro de Andrade e Dr. Sebastião Navarro de Andrade se acham com praça assente no 1.º regimento de infantaria da cidade do Pôrto, voluntariamente, e por êles melhor se poderem tratar no dito estado com tôda a decência das suas pessoas disseram que por êste público instrumento desde já seguravam a cada um dêles ditos seus filhos um cruzado diariamente que é o soldo de alferes e isto enquanto o não forem porque no caso que cheguem a ter cada um a dita patente ficará cessando a tenção por êles ditos seus pais e que ao pagamento de tudo o que o que isto disseram obrigavam suas pessoas e bens móveis e de raiz presentes e futuros e teres das suas armas, etc.».

«Em doze de Março de 1810 Luís António Navarro e mulher D. Luísa Rita, moradores na Rua Nova das Oliveiras, aí disseram que tendo educado seus filhos Joaquim Navarro e Rodrigo Navarro, e desejando dar-lhes estado honrado, os tinham trazido na freqüência de aulas, e últimamente nas de retórica, porém como nas actuais circunstâncias era mais útil à Coroa, Estado e Nação, que êles seguissem as armas do que as letras, no que êles convinham seguindo a honra, o zêlo e patriotismo dos outorgantes pais; portanto disseram estes que por instrumento e na melhor forma de direito se obrigavam a dar e pagar diariamente a cada um dos seus filhos referidos 400 réis logo que êles assentassem praça de Cadete em qualquer regimento de tropa de linha dêste reino e entrarem ao serviço de Sua Alteza Real; cuja contribuição cessará quando êles forem promovidos a qualquer pôsto militar ou por qualquer motivo que seja deixarem o mesmo serviço; e o pagamento referido obrigavam suas pessoas, bens móveis, etc.».

Eis a galeria dos briosos heróis vimaranenses, que souberam servir, honrar e engrandecer a Pátria e o seu Torrão Natal:

Henrique Navarro de Andrade, Bacharel formado em Leis (Direito) pela Universidade de Coimbra. Após a sua brilhantíssima formatura deu-se a primeira inva-



Henrique Navarro de Andrade.

Assinado : A. J. Pereira Pintou em 1825.

Pertence a D. Maria Isabel Navarro Vaz Nápoles.

são francesa; *Henrique Navarro de Andrade*, espírito moço, seguindo os impulsos dum verdadeiro patriota, alistou-se em infantaria 6, para tomar parte na luta contra o invasor. Passados três meses é promovido a oficial do Batalhão de Caçadores 6, fazendo todo o tempo de serviço enquanto aquela guerra durou.

Pelos seus feitos militares foi condecorado com a *Cruz de Guerra* n.º 5, correspondente a cinco campanhas; eram raríssimos os oficiais que obtinham maior distinção, e tanto maior ela era quanto maior o número de campanhas em que entravam, as quais eram designadas na mesma condecoração.

D. João VI instituiu uma cruz de prata enlaçada numa coroa de louros para os oficiais de duas ou três campanhas e de ouro para quatro a seis. Para se contar uma campanha era necessário que os mapas de serviço mencionassem o oficial que serviu durante o ano inteiro e tivesse entrado pelo menos numa batalha campal. Estão nesse caso os dois Marechais e Duques da Terceira e Saldanha, o primeiro, com a *Cruz de Ouro* de cinco campanhas, o segundo, com a *Cruz de Prata* de três.

Terminada a Guerra Peninsular ⁽¹⁾ passou a Major do Regimento de Milícias de Viana do Minho, onde serviu cinco anos, cujo pòsto só se dava a oficiais de linha. Entrou ao serviço da Casa Real, foi moço da câmara de D. João VI e feito Cavaleiro da Ordem de Cristo. Falecendo seu pai, *Luis Navarro de Andrade*, obteve licença indeterminada e veio fazer companhia a sua mãe e irmão. Nasceu em 1782 e faleceu em 1866.

Sebastião Navarro de Andrade. Deu inúmeras e brilhantes provas da velha e tradicional bravura lusitana. Nasceu em 2 de Julho de 1784 e faleceu no

(1) E' por este nome conhecida a série de campanhas travadas no comêço do século XIX entre Portugal e França. Principiou pela invasão francesa (1807) e terminou com as vitórias alcançadas nos campos de Orlhez e Tolosa, já além dos Pirineus (1814).

Rio de Janeiro. Bacharel formado na Faculdade de Direito.

Serviu como oficial de Caçadores em tôda a Guerra Peninsular, e seguiu na divisão de Voluntários de El-Rei, para Montevidéu, na qualidade de major de Brigada, e ali promovido a tenente-coronel comandante de um batalhão de Caçadores. Tomou parte nas revoluções que houve no Brasil, não só pela mudança de sistema político, como contra os portugueses. Por estes factos lhe tiraram os postos, mas continuaram a pagar-lhe o soldo, sem acesso.

Reformou-se em Tenente-Coronel, aborrecido pelos sucessos. Como era Bacharel em Direito, estabeleceu-se no Rio de Janeiro, onde exerceu a profissão das letras e de banqueiro.

Era condecorado com a Cruz de Guerra Peninsular e Cavaleiro da Ordem de S. Bento de Avis.

Joaquim Navarro de Andrade. Nasceu em 24 de Dezembro de 1788. Outro valoroso soldado do exército português. Belo e forte exemplo, viva e eloquente demonstração do mais alto, nobre e cristalino amor da Pátria. A' frente da sua coluna no assalto à Fortaleza de Vera, nos Pirenéus, raia de França, num rijo combate tombou para sempre gloriosamente no campo de honra, batendo-se com galhardia pela independência nacional. Heroísmo de sangue que é a maior auréola com que se glorificam os mártires do dever. Era condecorado com numerosas medalhas e com a *Cruz de Oiro*.

Rodrigo Navarro de Andrade. Outro defensor da integridade da sua Pátria. Major do quarto regimento de infantaria, foi ferido mortalmente em combate, do qual difficilmente escapou. Continuou ao serviço das Armas até à convenção de Evora-Monte, em 1834. Governador do Castelo de Vila-do-Conde, em nome de D. Miguel, com a patente de tenente-coronel; como o govêrno constitucional não reconheceu as patentes, foi reformado pelo govêrno de D. Maria II, no pôsto de major. Era condecorado com a *Cruz de Oiro* n.º 2, medalha da Realeza Heróica Fidelidade Trasmontana

com a effigie de D. Miguel. Nasceu em 16 de Maio de 1791 e faleceu em 20 de Agôsto de 1859.

Aqui lhes erigimos estas lápides simples com os seus nomes, comemorando a gratidão de quantos sentem bem em seu peito o amor da Pátria.

Luís Navarro de Andrade. Bacharel formado em Cânones (Teologia) pela Universidade de Coimbra, seguiu a vida eclesiástica e foi cónego arcediago do bago na Sé de Lamego e cavaleiro professo da Ordem de Cristo. Morava na rua das Molianas (4). Nasceu em 26 de Novembro de 1794 e faleceu por 1824 na sua quinta do Douro. Era o quinto filho de Luís Navarro de Andrade.

O 2.º filho de D. Angélica Navarro e Luís do Monte Gamboa foi *Sebastião Navarro de Andrade*, bacharel formado em Medicina pela Universidade de Coimbra, proprietário das casas de seus maiores nas Lagens (2) do Toural, onde nasceu depois de 1717 e faleceu em 1799.

Em 12 de Novembro a Mesa da Misericórdia nomeou-o médico da casa, e os honorários, pelo partido médico do Hospital, de 12 mil réis anuais, foram elevados em 18 de Agôsto de 1765 a 20 mil réis. Em 19 de Março de 1775 apresentou uma petição ao Definitório para ser irmão da primeira condição, e, sendo aquella aceite, prestou juramento em 30 de Março do mesmo ano.

Demonstrou um admirável interêsse pelos doentes e um grande zêlo pelas condições higiénicas dêsse estabelecimento caritativo. No arquivo do Hospital da Misericórdia, aí por 1791, encontra-se lavrado o

(4) Hoje rua Bento Cardoso.

(2) Identificámos a sua morada pelas dimensões e descrição que encontrámos num livro de foros da Irmandade de N. S.ª do O', desta cidade. Passou por vários possuidores e hoje pertence a D. Maria da Luz Neves Ribeiro. As casas mais próximas pertenciam a membros da familia Navarro. Seria o vínculo?

térmo seguinte: «na trabessa ou viela da Arrochela (1) se andavão renovando as cazas em toda a extensão da d.^a viela, ou trabeça, as quaes fasião frente para o Toural, e no sitio onde estava o muro da villa, porem como as ditas casas que se pretendem faser, sobem fora do risco, e o que já se vê em algumas m^{to} asima das antigas casas, e muro, he sem duvida ser prejudicial ás enfermarias deste Hospital, não só por ficarem escuras, mas por lhe tulher o ar ambiente e novo que entrava nas mesmas enfermarias, que ficando faltas do dito ar pela altura que querem conduzir as ditas obras, he de reçar se siga hua epidimia nas



Casa que pertenceu a Sebastião Navarro de Andrade

que resulta damno universal a toda a vila, alem do prejuizo certo que se ficará sentindo nos difcultosos curativos dos mesmos doentes em huas enfermarias escuras e faltas de ar; o que ouvido por todos os Mesarios que se achavão presentes, imformem.^{te} asentarão e votarão que este caso era digno de toda a ponderação e pedia a mais pronta providencia e que para isto focem os medicos etc.

(1) Onde estava situado o Hospital da Misericórdia.

E logo sendo chamado o *Dr. Sebastião Navarro de Andrade* concordou que o dito caso era digno de hua infalível providencia e que o per juizo era certo não só aos doentes do Hosp.^{al} mas que do mesmo modo se podia originar hua epidemia transcendente a toda a villa.»

Era também clínico das freiras de Santa Clara. Alberto Braga no seu interessante trabalho *Os doces de Santa Clara*, mostra receberem prendas de doçaria todos os médicos das religiosas (1); um livro de contas dos meados do século XVIII, diz: «deu-se repolho inteyro a todas as religiosas, capelão, confessor, medico, sangrador, letrado, procurador, carnyseiro, lavadeira, serva do conv^{to} e ao S. Christa...». Uma outra nota do mesmo livro refere-se ao médico Dr. Manuel Lopes de Araújo e ao sangrador do mesmo Convento, que todos os anos recebiam, aquele «uma caixa e quatro covilhetes», «este dous covilhetes». Deve notar-se que as caixas eram de *ladrilhos* e pesavam seis arráteis!

E' provável que o *Dr. Sebastião Navarro* recebesse, no seu tempo, estas doces demonstrações de gratidão e carinho das dedicadas claristas; contudo, não deixou de se agastar com elas e elas com êle, a têrmos de o despedirem (2). Foi o caso de ter aquele médico protegido a admissão no convento de certa dama separada judicialmente do marido, o que a abadessa D. Jerónima Quitéria de S. José não podia de forma alguma tolerar. A queixa da pudibunda freira chegou aos ouvidos do Arcebispo de Braga, acusando-se o *Dr. Navarro* de «ter violado a clausura, insultado a abadessa, promovido a desordem no mosteiro angariando partido entre as religiosas, protegido relações ilícitas, etc.».

Além destas acusações, o *Dr. Navarro* apparecia na queixa como tendo entrado no convento vestido de mulher, para assim poder violar as ordens de terminantes proibições que lhe foram dadas de lá pôr os pés. Todavia o distinto e honrado médico saíu do

(1) Revista «Gil Vicente», 3.º vol., 1927, pág. 113.

(2) «Vimaranes» — Dr. Luis de Pina.



Sebastião Navarro de Andrade.

Assinado : *Bavelli pinxit. Ano.?*

Tem pintada a legenda :

*Tanto pode a arte e o filial amor
Que a Morte vencem e com tal primor ?*

Diz a tradição : O Dr. Sebastião faleceu sem deixar um retrato. Os filhos, pesados, chamaram um pintor e cada um deles indicou uma feição que o artista interpretou com verdadeira fidelidade, dando um retrato primoroso e parecido.

Pertence a D. Maria Isabel Navarro Vaz Nápoles.

processo sem culpas, dando-lhe licença o Arcebispo para continuar curando as freiras, «em atenção as informações havidas, tanto a respeito de litteratura como de procedimento».

Uma faceta galhofeira e irónica do seu temperamento: «Sebastião Navarro de Andrade, medico aprovado pela Universidade de Coimbra nesta villa de Guimarães attesto que a Secular D. Babiana Josefa Calheiros (?) assistente no recolhimento do Anjo da mesma á meses se acha padecendo hũa notavel intomescencia no rosto que dá indicios de ser produto de obstrucçoens, e tendo eu tentado o uso de remedios em varias formas, nenhũ delles conserva, e..... apresenta pouco alivio na dieta Sucixa, motivo porque parese tem algũ leremsselhe os Exorssismo..... ao menos para consolação da mesma enferma, alem de que na minha pratica tenho experimentado delles bons efeitos em casos asim extraordinarios, e por ser verdade, e este me ser pedido o passo, que necessario, afirmo sub-gradus mei juramento Guimarães 24 Outubro de 1779» (1).

Admirável figura de clínico, cidadão prestimoso, que tinha, por assim dizer, o respeito de todos os seus conterrâneos. A grandeza da sua alma levava-o a tôda a parte onde a dor humana o chamava.

O *Dr. Sebastião Navarro de Andrade* foi o tronco de uma illustre e distinta Família de eminentes e excelsas personalidades da nossa heráldica cientista, valores de sabedoria e de lusitanidade, que se devem medir pela sua luzida e transparente projecção nos centros de alta cultura mental e nas côrtes da mais elevada diplomacia, todos exalçados em lugares de alta distincção.

Medalhões potentes que o tempo difficilmente pode despedaçar. A História Vimaranesense tem Figuras e nomes de egrégia raça; são como lápides para a eternidade.

Em devoção profunda vamos agitar êsses gran-

(1) «Vimaranes» — Dr. Luís de Pina.



João de Campos Navarro de Andrade.

Sem assinatura.

Pertence a D. Maria Isabel Calmon Navarro de Andrade Machado, Pôrto.

des condutores do pensamento, de gigantesco labor, sagrado e vivo, construtores de magníficos solares de ciência.

João de Campos Navarro de Andrade (1). Doutor de Capelo, Físico-mor do reino, médico de D. João VI, Director da Antiga Academia de Marinha e Comércio, do Pôrto.

«São unânimes os testemunhos de que foi profícuo e notável o ensino anatómico de Picanço. Sucedeu-lhe um dos famosos irmãos Navarros, naturais de Guimarães, cujos méritos são extraordinariamente encarecidos pelos contemporâneos. *João de Campos Navarro de Andrade*, doutorou-se na Faculdade de Coimbra em 20 de Julho de 1788. Frequentava o último ano de repetição, preciso para o doutorado, quando foi nomeado interinamente demonstrador de anatomia pela Faculdade de Medicina, sendo a nomeação confirmada pelo Governo em 3 de Abril de 1788. Em 6 de Fevereiro de 1791 era promovido a lente catedrático, e em 19 de Outubro de 1801 concedia-se-lhe uma gratificação de 200.000 réis mensais. Em 20 de Junho de 1806 era elevado a segundo com exercício na primeira cadeira de prática e em 29 de Junho de 1812 a lente de prima. Em igual dia do ano immediato, era-lhe concedido acumular com o ordenado a gratificação de 200.000 réis, que percebia como lente de anatomia, e mandava-lhe contar esta pensão desde que tomara conta da cadeira de prática» (2).

«Nunca antes ou depois, diz Mirabeau, houve outro lente de medicina que auferisse da Universidade tantos proventos».

Quando teve lugar a aclamação de D. João VI, foi ao Rio de Janeiro felicitar o monarca por incumbência do Conselho e lá se demorou desempenhando as funções de médico do Paço.

Renunciou em 1818 o cargo de director da Facul-

(1) Não é ao que se refere a «Enciclopédia Portuguesa», de Maximiano de Lemos.

(2) «História da Medicina em Portugal», por Maximiano de Lemos.



João de Campos Navarro de Andrade.

Assinado : *A. S. P.* em 1825.

Pertence a D. Maria Isabel Calmon Navarro de Andrade Machado, Pôrto.

dade em seu irmão Joaquim Navarro, e de regresso ao Reino obteve a jubilação em 13 de Junho de 1822.

Deixou João Navarro boa reputação como médico e como operador; uma testemunha contemporânea afirma que os seus conhecimentos anatómicos e médico-cirúrgicos eram superiores a todo o elogio (1).

Soares Franco, dedicando-lhe os seus «Elementos de Anatomia», chama-lhe profundo e versadíssimo em todos os ramos das sciências médicas e ornado das mais brilhantes qualidades e virtudes.

A ser verdade o que Martins Bastos afirma, que morreu em 1858, devia ser mais de nonagenário à data de seu falecimento.

Escreveu: «*Quae sit vera et germina caloris animalis causa?*», dissertação inaugural, 1788.

Aos seus títulos acrescentava: 1.º Barão de Sande, Senhor da Quinta do Paço de Briteiros (2), e 1.º Senhor da Barca, da Lavandeira, no almoxarifado de Montemor-o-Velho, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Comendador e Cavaleiro professo da Ordem de Cristo, etc.

Nasceu nesta cidade, como todos os nossos biografados, em 24 de Setembro de 1761 e faleceu no Pôrto em 7 de Março de 1846, onde jaz no claustro da Sé.

Duas notas, que bem caracterizam os belos sentimentos da família **Navarro de Andrade**, que copiámos dos livros do notariado, no arquivo municipal:

«Em 23 de Agosto, nas Lagens do Tournal, casas de morada do *Dr. Sebastião Navarro de Andrade*, presentes êle de uma parte e da outra seus filhos legítimos havidos de entre êle e sua defunta mulher Ana Luísa de Campos, a saber: *João de Campos Navarro de Andrade*, *Joaquim Navarro de Andrade* e *Luís Tomás Navarro de Andrade*, reconhecidos todos de

(1) «O Investigador Português», II, pág. 26. Impresso na Inglaterra. Jornal literário e político.

(2) Acompanhou a Rainha D. Maria II à Europa em 1828. Más vontades e intrigas políticas afastaram-no do Paço; mas por aviso de 30 de Março de 1826, foi novamente chamado ao exercício dos seus empregos. — («Subsidios para a genealogia da Família Campos», vol. já citado).

mim tabelião de que dou fé; e logo na minha presença e das testemunhas ao diante nomeadas e assinadas por êle *Dr. Sebastião Navarro de Andrade* foi dito que os ditos seus filhos se achavam formados e um graduado pela Universidade de Coimbra e usando das suas letras, conforme as suas formaturas, e um dêles maior de 25 anos; e para que estes possam contratar por si independente do consentimento dêle dito seu pai; pelo que disse que por êste instrumento, e na melhor forma de direito os emancipava pela sua parte, e os tirava do seu pátrio poder, e pedia a S. M. F. muito de merecer-lhe passasse sua de emancipação e de suplemento de idade para serem havidos como se fôsem maiores de 25 anos. Etc., etc.».

«Em 27 de Fevereiro de 1788, Francisco de Campos, mercador às Lagens do Toural, por procuração dos seus primos *Drs. João de Campos Navarro de Andrade e Joaquim Navarro de Andrade*, ora assistentes na cidade de Coimbra, duma parte, e de outra o *Dr. Sebastião Navarro de Andrade*, médico, morador nas Lagens do Toural, pai dêles João e Joaquim; o dito procurador disse que os seus constituíntes se pretendem graduar na Faculdade de Medicina, e porque não tinham o dinheiro necessário para as referidas despesas; e porque seu pai Sebastião lhe concorre para as referidas despesas; êles obrigam-se a vir aceitar (?) com as mesmas e seus rendimentos, e sendo estas superiores às suas legítimas, a satisfazer pelos seus bens (dêles) presentes e futuros tudo o que se gastar a maior dela; com declaração que se abonarão nas tais despesas e seus juros as que nós fizermos com alimentar os nossos irmãos António, Jacinto, Sebastião e Vicente nesta Universidade de Coimbra no tempo que nela se conservarem na aplicação de algumas faculdades que se ensinaram nela e nos preparatórios: pois nos obrigamos a sustentá-los nesta dita Universidade enquanto o dito nosso pai for vivo até a corrente quantia que êle despender em nos doutorar e seus juros, e ainda depois da sua morte durante ainda alguns restos da referida despesa e seus rendimentos, convindo nesta última parte, todos os seus herdeiros, pois não convindo satisfaremos ao casal o que se liquidar lhe estivermos devendo, para que os ditos alimentandos

com o que lhes tocar a dívida possam com as suas legítimas continuar nesta Universidade os seus estudos, não chegando na vida de seu Pai e nossa a completá-la, e para tudo deram poderes. Etc., etc.»

Luís Tomás Navarro de Andrade. Doutor de Capelo. Doutorado na Faculdade de Direito. Seguiu a carreira da Magistratura. Desembargador da Relação do Pôrto, onde se tornou notável pelos seus vastíssimos e profundos conhecimentos jurídicos e pela justiça com que presidia a êsse douto tribunal. Conselheiro da Fazenda no Rio de Janeiro, Ouvidor e Provedor dos defuntos e ausentes da cidade da Baía, Cavaleiro Professo e Comendador da Ordem de Cristo, teve o foro de Fidalgo Cavaleiro e a carta de conselho de S. Magestade (1818), etc.

Autor de um relatório sôbre a civilização dos Índios da comarca da Baía (1).

Nasceu em 17 de Novembro de 1762 e faleceu no Brasil.

Joaquim Navarro de Andrade — «O Língua de Prata» (2). Doutor de Capelo, Lente de Prima, Director e decano da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Deputado da Directoria Geral dos Estudos do Reino e às Côrtes em 1821. Físico-mor do Reino, sócio correspondente da Academia Real das Sciências, 1.º Director Literário da Academia de Marinha e Comércio do Pôrto (1817 a 1824). Lente de uma cadeira de Agricultura na mesma Academia.

Doutorou-se em medicina em 1788. «Desde logo começou a servir na Universidade como substituto extraordinário, e em 6 de Fevereiro de 1791 foi despachado lente catedrático com exercício na cadeira de Instituições. A 19 de Outubro de 1801 era igualado a 4.º Lente com exercício na cadeira de Aforismos. Em 29 de Julho de 1812 coube-lhe o lugar de lente de

(1) «Subsídios para a genealogia da Família Campos», vol. já citado.

(2) Vid. «Jornal de Coimbra», n.º LX, parte II; «Guimarães» — P.º Caldas; Inocência; «Dicionário Corográfico» etc., obra já citada; «Espectador», periódico vimaranense.



Joaquim Navarro de Andrade.

Assinado : *A. S. Pereira Pinto.*

Pertence a D. Maria Isabel Calmon Navarro de Andrade Machado, Pôrto.

Véspera e a 11 de Outubro de 1817 era igualado em honras e proventos a lente de Prima. Ao cabo de trinta e um anos de serviço, era jubulado em 15 de Junho de 1822.»

Ainda, segundo Mirabeau, viveu nove anos no descanso das lides académicas e veio a falecer em 18 de Junho de 1831.

Segundo Maximiano Lemos, depois de jubulado, Joaquim Navarro não ficou retirado das lides académicas. Já antes se havia afastado do ensino universitário, sendo em 1817 nomeado director literário da Academia Real de Marinha e Comércio, do Pôrto, lugar que pelo menos exerceu até 1824 (1).

Joaquim Navarro foi com certeza um dos mais distintos professores da Universidade. Diz dêle Mirabeau: «Considerado como teórico e eloquente, sobressai entre os principais professores que se têm sentado nas cadeiras universitárias. Os contemporâneos distinguiram-no chamando-lhe por antonomásia — Língua de Prata. Pena é que de tão abalisado engenho pouco mais ficasse para lhe perpetuar a memória do que a tradição que ainda hoje permanece viva na Universidade».

A êste autorizado juízo acrescentaremos a opinião que de Navarro formaram os contemporâneos. No «Investigador Português» de Dezembro de 1811, era êle considerado «talvez o maior fisiologista da Europa e um dos mais eruditos literatos de Portugal». E quem isto escrevia, tinha para têrmo de comparação os professores mais illustres de Inglaterra. Bem o diz Mirabeau, que pena é que dêle pouco mais ficasse do que a memória dos seus talentos.

«... Nas novas teorias médicas sobressaía porém a todos, e mais que todos concorreu para instruir a mocidade portuguesa nas lições do professor de Edimburgo, aquele famoso ornamento da Universidade e lente de Aforismos, Dr. Joaquim Navarro de Andrade.

A uns opúsculos de Brann, perante a crítica científica do Dr. Navarro saíam pulverizados todos os argumentos e acusações neles exarados. Não havia

(1) «História da Medicina» etc., obra já citada.



Joaquim Navarro de Andrade.

Sem assinatura.

Pertence a D. Maria Isabel Calmon Navarro de Andrade Machado, Pôrto.

resistir às demonstrações daquela grande inteligência. Concepções profundas, apreciações rigorosas de princípios, clareza na dedução do raciocínio, tudo isto iluminado por uma locução arrebatadora, prendiam o auditório e entranhavam a convicção no espírito dos ouvintes. Não é pois de estranhar que nas aulas da Universidade vigorassem por muitos anos e obtivessem a primazia as doutrinas de Cullen, tendo por intérprete e defensor quem mereceu chamar-se «Língua de Prata» (1).

Publicista distinto, escreveu «*Nullus contineri intra nervos spiritus, nec etiam theorias ad eorum actiones explicandos nostris temporibus excogitatas satis omnino facere, contendemus*», tese de Fisiologia, que propôs em 1788; «*Primarum linearum physiologiae Alberti Haller index*», Conimbricae, 1810; «*Oratio in exequiis augustissimae, et fidelissimae, uniti regni ex Portugallia et Brasilia. Algarbiisque Reginae, Mariae Primae, etc.*», 1818 (2); «*Distributio methodica interpretandorum aphorismorum Hippocrates, superiori jussu in usos academicos juxta nosologicam methodum chirurgiae practicae Kenckii, primarumque linearum praxeos medicinalis cullenii, instituta et ordinata*», obra para servir de compêndio aos alunos do 4.º ano médico, Coimbra, 1819; «*Undenam palustrium locorum insalubritas? Quenam morborum inde pendentium natura? Quenam generalis therapia*», 11 de Novembro de 1787; «*Carta apologetica e analitica ao redactor do periodico intitulado "O Portuguez"*», Lisboa, 1822 (3).

Comendador e Cavaleiro professo da Ordem de Cristo, Fidalgo Cavaleiro e do Conselho de S. M. F. D. João VI.

Nasceu em 25 de Novembro de 1764.

Rodrigo Navarro de Andrade. Foi um dos mais notáveis membros do corpo diplomático internacional; profunda cultura, delicadeza e sensibilidade em tôdas

(1) Dr. Serras Mirabeau — «*Memoria historica e comemorativa da Faculdade de Medicina*», Coimbra, 1875.

(2) Existe na Soc. Martins Sarmiento.

(3) Vide Inocência e «*Dicionário Histórico*», obra já citada, e «*Enciclopédia Portuguesa*».



Rodrigo Navarro de Andrade.

Não está assinado.

Existe uma miniatura num Museu do Pôrto.

Pertence a D. Maria Isabel Navarro Vaz Nápoles.

as missões de que foi encarregado pelo Governo Português. Exaltado a lugares da mais alta distinção. Encarregado de negócios no império da Rússia, mereceu as boas graças do Imperador Alexandre que o fez Cavaleiro da Imperial Ordem de Santa Ana, admitindo-o a uma íntima amizade, oferecendo-lhe um presente de honra — uma rica caixa de ouro com a sua firma e seis solitários de brilhantes. Passou ao reino da Sardenha junto de El-Rei Vitor Manuel que o elevou a cavaleiro da Real e Militar Ordem de S. Maurício e S. Lázaro com a sua assinatura em brilhantes. Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário na côrte de Viena de Austria, com que foi agraciado por D. João VI. Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, do Conselho de S. M. F., Comendador da Ordem de Cristo e Cavaleiro professo, Oficial de Secretaria do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Conselheiro de Legação no Congresso de Viena, Comendador da Ordem de Leopoldo da Austria, etc. El-Rei D. João VI encarregou-o de pedir para S. A. R., o Príncipe do Brasil, D. Pedro, a mão da Princesa Real D. Maria Leopoldina e teve a honra de a acompanhar, em 1817, a Florença e Leorne na qualidade de secretário régio. Estava em Viena quando o Infante D. Miguel ali residia. Dirigiu tôdas as negociações para o casamento do Infante com sua sobrinha a Rainha D. Maria II, representando a noiva na cerimónia nupcial, em 29 de Dezembro de 1826.

O Imperador da Austria, como prémio dos seus extraordinários serviços prestados por ocasião do casamento de sua filha a Arquiduquesa Leopoldina, distinguiu-o com o grau de comendador da Imperial Ordem de Santo Estêvão da Hungria, e no dia dos esponsais ofereceu-lhe um riquíssimo cofre cravejado a pedras preciosas e a princesa noiva outro do mesmo valor, dando-lhe no acto de despedida um formosíssimo escrínio com o seu retrato, como sinal de que nunca o esqueceria, prometendo-lhe a sua amizade. O próprio Imperador impôs-lhe a Grão-Cruz da Ordem da Coroa de Ferro da Austria.

O título de Barão de Vila-Sêca foi-lhe concedido por decreto de 28 de Janeiro de 1924.

O Conde de Arrochela, na sua viagem pela Europa,



Rodrigo Navarro de Andrade.

Assinado : *Pellegrini Fct. 1804.*

Pertence a D. Maria Isabel Navarro Vaz Nápoles.

presenciou que era grandemente estimado e querido na côrte de Viena de Austria.

Nasceu em 2 de Julho de 1765.

Um interessantíssimo documento que possui a Ex.^{ma} Família Navarro, do Pôrto, Ex.^{mas} Senhoras D. Maria Isabel Calmon Navarro de Andrade Machado, D. Maria Francisca Calmon Navarro de Andrade Machado de Menezes e Dr. José de Sousa Machado Fontes, que muito amavelmente me forneceu :

«Vienna d'Austria 17 de Maio de 1817.

Mano e Manas do meu C. Escrevivos a 7 do corr.ª, e torno hoje a fazer o m.^{mo} posto que m.^{to} occupado, p.^a vos participar, que no dia 13 [que era o dos annos d'ElRey N. S.] se celebrou na Capella Imperial, com a maior pompa, officiado o Arcebispo de Vienna, o augusto Cazamento do nosso Principe [servindo de Proc.^{or} o Arquiduque Carlos] com S. A. I. a Snr.^a Arquiduqueza Leopoldina. Dous dias antes, estando o S.^r Marquez de Marialva e eu, no Paço, p.^r occasião do Acto de renuncia da nossa Princeza, apenas acabou aquella Cerimonia, veio o Camareiro-Mórter com nosco, dizendo-nos q' o Imperador nos esperava no seu Gabinete : Admittidos á Sua Presença, Dirigiu-nos S. M. Imperial expressões sobre m.^{to} honrosas, summam.te lisongeiras, e terminou a pratica, condecorando ao S.^r Marquez-Embaixador, com as Insignias de Commendador da m.^{ma} distintissima Ordem, entregando-nos a *ambos em mão propria, as referidas Insignias*, [o que singularmente aumenta o valor de tal Graça] e accrescentando que m.^{to} se penhoraria de q' nós uzassemos dellas, como hum publico testemunho da sua estimação p.^a com nosco ! Segundo a Instituição da dita Ordem, sómente os Grão-Cruzes trazem Placas : os Commendadores Trazem a Insignia ao Pescoço, suspensa a huma fita mui larga, verde de ambos os lados e Carmezim ao meio. A Cruz hé de ouro, esmaltada de verde, com a Coroa Real da Hungria sobre posta, e tem no centro a seguinte Inscricção = PUBLICUM MERITORUM PRÆMIUM =.

A gradação de Commendador desta Ordem, hé tão pouco vulgar, que incluindo-me eu no numero, só há 29 Commendadores em todo este vasto Imperio, e todos pessoas mui gradudas ; de sorte que segundo o modo p.^r q' estas distincões são aqui consideradas, deo-me o Imp.^{or} a mais subida Condecoração q' era possivel dar-me, attentas as m.^{as} circunstancias, ainda quando



Rodrigo Navarro de Andrade.

Assinado : *Bazzuoli, de Florença pintou.*
F. T. de Almeida delineou
e Sculpiu em Lx.ª 1819

Existem vários exemplares.

Pertence a D. Maria Isabel Navarro Vaz Nápoles.

como evidentemente se mostra que quiz, contemplar-me muito, e distinguir-me.

A nossa Princesa partirá daqui p.^a Liorne, depois da grande festa q' o S.^r Marialva dará no dia 26 deste mez, e nós do m.^{mo} modo. Antes de me pôr a cam.^o ainda faço tenção de vos escrever. Saud.^{es} á fam.^a de Guim.^s e ao Pr.^o Francisco. A D.^s mano e Manas do C. abraçavos com a maior ternura. Vosso Irmão
am te

R.

P. S.

No dia seg.^e ao do Cazam.^{to} partio daqui o Conde de Wurbna, Camarista do Imp.^{or} e f.^o do Camareiro Môr, p.^a o Brazil a fim de annunciar a ElRey a celebração do Cazam.^{to}; p.^r d.^o Conde escrevi aos manos.

José Navarro de Andrade. Bacharel formado em Leis pela Universidade de Coimbra. Desembargador dos agravos e das casas de supplicação do Rio de Janeiro ⁽¹⁾ e de Goa. Fidalgo da Casa Real, Comendador e Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo. Nasceu em 7 de Abril de 1769.

António Navarro de Andrade. Bacharel formado em Teologia pela Universidade de Coimbra. Seguiu a vida eclesiástica. Abade de Gondarém e durante trinta e oito anos abade da freguesia de S. Tomé de Bitarães, próximo de Penafiel. Dali foi elevado à dignidade de Cónego Deão da Sé do Pôrto, e em *sede vacante* governador do bispado. Individualidade de larga cultura e orador fluente, soube captivar, pela extrema bondade, os seus paroquianos. Nasceu em 11 de Agôsto de 1770 e faleceu no Pôrto em fins de 1848. Jaz na Sé.

Jacinto Navarro de Andrade. Doutor de Capelo. Formado em Teologia pela Universidade de Coimbra, seguiu a vida eclesiástica. Cónego na Basilica de Santa Maria, Sé de Lisboa, que lhe dava honras de Capelão Real e tratamento de Senhoria, *de jure*. Morava nas Lagens do Toural.

(1) Época em que a Córte estava no Rio de Janeiro.



António Navarro de Andrade.

Sem assinatura.

Pertence a D. Maria Isabel Navarro Vaz Nápoles.

Cavaleiro professo da Ordem de Cristo. Nasceu em 19 de Setembro de 1771 e faleceu em Alcobaça, quando regressava da capital atacado de cólera-mórbus.

Um belo quadro de amor de família :

«Em dez de Janeiro de 1798 o *Dr. Sebastião Navarro de Andrade* e seu filho *José Navarro de Andrade*, como procurador de seu irmão *Jacinto Navarro de Andrade*, estudante na Universidade de Coimbra; e pelo *Dr. Sebastião* foi dito que êle a fim de se ordenar seu filho *Jacinto* lhe faz património na quantia de 30,000 réis anuais, seguros pelas casas de que é senhor útil e possuidor na rua das Lagens do Toural, foreira à irmandade de N. S.^a do O', as quais hipoteca para segurança da mesma quantia, e isto com as condições de que ficará cessando esta sua doação logo que êle dito seu filho obtiver algum benefício que supra na forma de direito a falta dêste mesmo património; e que ainda no caso de não obter algum benefício na forma referida, assim mesmo essa doação terá validade enquanto vivo fôr o dito doado, seu filho: por cujo falecimento ficarão as mesmas casas livres do referido encargo à pessoa em quem êle doador as nomear ou deixar em vida ou por morte: e que de outro modo não terá validade semelhante doação da referida quantia, etc.... A procuração é feita em Coimbra, em 3 de Janeiro de 1798, por *Jacinto Navarro de Andrade*, bacharel em Filosofia e estudante de 4.^o ano de teologia na Universidade de Coimbra, ao seu irmão *José Navarro de Andrade*.....». (O resto da nota está inutilizado) (1).

Sebastião Navarro de Andrade. Doutor de Capelo em Filosofia pela Universidade de Coimbra, Lente da mesma Faculdade de Filosofia e Química, e Bacharel formado em Medicina e Lente também da mesma Faculdade. Cavaleiro professo na Ordem de Cristo. Mais tarde foi para o Brasil. Nasceu em 9 de Novembro de 1773.

(1) Documento de João Lopes de Faria.



Jacinto Navarro de Andrade.

Assinatura ilegível.

Pertence a D. Maria Isabel Navarro Vaz Nápoles.

Vicente Navarro de Andrade (1). Doutor de Capelo. Formado em Medicina pela Universidade de Coimbra (1803).

Em 30 de Dezembro de 1799, tendo falecido o *Dr. Sebastião Navarro de Andrade*, foi nomeado médico da Santa Casa da Misericórdia, de Guimarães, seu filho o *Dr. Vicente Navarro de Andrade*, elegendo-o a Mesa «por constar da sua literatura, capacidade e zêlo para bem exercer o seu ministério», diz o respectivo têrmo.

Vicente Navarro de Andrade deu grande lustre ao ensino universitário. Quando se esperava que entrasse para a Universidade, embarcou para o Brasil e em 1811, encarregado por D. João VI, apresenta ao soberano um plano para a organização duma escola médico-cirúrgica (2). Foi seu professor de higiene patológica.

Em 15 de Março de 1804 representou o prelado universitário ao Príncipe regente quanto conviria que um doutor em Medicina fôsse também a Paris estudar os recentes progressos das sciências médicas, e propôs para esta comissão o *Dr. Vicente Navarro de Andrade*, irmão dos dois professores insígnies, que por aquele tempo ornaram a Universidade e ilustraram a medicina portuguesa (João Campos Navarro de Andrade e Joaquim Navarro de Andrade), sendo-lhe arbitrada em 800.000 réis anuais a ajuda de custo para essa viagem científica (3).

Era versado em várias línguas e em sciências financeiras. Escreveu, tanto em português como em francês, diversas obras sôbre medicina, finanças, politica e literatura, entre as quais algumas em verso, mas só publicou as seguintes: «*Parecer dado por consulta do Govérno Imperial àcerca da epidemia de Macau no ano de 1830*», 1838; «*Reflexões sôbre a indicação apresentada à junta do Banco do Brasil*

(1) «Enciclopédia» e «Dicionário», obras já citadas.

(2) Vidê projecto em «História da Medicina em Portugal», já citada.

(3) Os apontamentos sôbre a sua viagem literária encontram-se nos «Registos da Junta da Universidade», Livro 2.º, fl. 76.

pelo deputado da mesma, Frutuoso Luís da Mota, e enviado à mesma pelo conselheiro etc.».

Amigo íntimo e Conselheiro Privado do Imperador D. Pedro I, que acompanhou à Europa em 1834. Médico de D. João VI e da Câmara de D. Pedro I, Imperador do Brasil, de quem recebeu grandes distinções. Lente jubilado da antiga Escola Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro (1813), Físico-mor da Armada, Sócio Efectivo da antiga Academia Real das Ciências.

1.º Barão de Inhomerim, no Brasil, do Conselho de Sua Majestade Imperial, Comendador da Ordem Brasileira da Rosa e da Ordem de Cristo, Oficial da Ordem do Cruzeiro do Sul, Fidalgo Cavaleiro da Casa Imperial.

Possuía um casal em S. Martinho de Candoso, Guimarães.

Nasceu em 26 de Novembro de 1776 e faleceu em Paris em 1850.

*

A actual representante da familia Navarro de Andrade, em Guimarães, é a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Isabel Navarro Vaz de Nápoles Araújo. Nasceu na freguesia de Nossa Senhora da Oliveira a 30 de Outubro de 1855. Filha de D. Maria Adelaide de Andrade e de Jerónimo Vaz Vieira de Melo Alvim e Nápoles. Espôsa do Dr. Augusto José Domingues de Araújo.

A Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Isabel foi casada em primeiras núpcias com Guálter Martins da Costa Queiroz Montenegro, de quem teve dois filhos: Jerónimo Guálter Martins Navarro Vaz Nápoles, já falecido, e D. Maria Constança Martins Navarro Vaz de Nápoles Freitas, casada com o Sr. Dr. João Martins de Freitas.

*

Cursavam aí por 1783 a Universidade alguns discípulos ilustres, que nos certames académicos manifestaram quanto se devia esperar do seu engenho e applicação. Sobressaíam em diversos cursos os irmãos Navarros (1).

(1) Mirabeau — «Memória Histórica», obra já citada.

Findou a nossa caminhada pelo Passado: revivências de cenários e figuras de antanho, definindo caracteres e iluminando épocas e factos que a nevoeira do tempo vai obscurecendo na vertigem da vida contemporânea. Modesta romagem de preto, chamando à memória dos nossos conterrâneos êsses retábulos magníficos, essas Figuras de altíssimo relêvo cultural, invulgares e insignes mentalidades.

Desde a fundação da Universidade de Coimbra até aos tempos que vão correndo, uma só vez aconteceu que cinco membros de uma mesma família, irmãos no sangue e no talento, frequentando estudos universitários, subissem todos ao fastígio das maiores e das mais notáveis graduações académicas, vincando o seu nome além fronteiras.

Brilharam e distinguiram-se pelo fulgor da ciência, excelsos na subtileza da diplomacia internacional, heróicos, pelejaram com abnegação patriótica — rasgos de intemerata audácia —; marcaram sôbre a terra sulcos inapagáveis e gloriosos da sua obra e vestígios profundos do seu triunfo, do mais requintado primado espiritual.

Navarros de Andrade — a fidalguia, a nobreza, a susceptibilidade de almas superiores —; Filhos de eminente grandeza da Nossa-Terra, devem ser entroncados na estirpe dos nossos mais assinalados Valores.

Que essa procissão de esquecidos seja avivada com o sangue do nosso sangue e tenham uma apoteose de vida, de claridade, para que o coração dos seus patrícios rejubile, pulse e cante no clarão tradicional das suas consagrações; apoteose que tenha a iluminá-la a chama rubra e bendita do nosso culto mais intenso e fervoroso.

Esse punhado de **Homens** enche de purificada beleza páginas brilhantes da **História de Guimarães**, engrandecendo-as e superiorizando-as, em refulgências de luz esplendorosa.

FRANCISCO MARTINS.